

UMA PESQUISA REFLEXIVA ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL COMO ELEMENTO INTEGRANTE DO COTIDIANO ESCOLAR

A REFLECTIVE STUDY ON SEXUAL EDUCATION AS AN INTEGRAL ELEMENT OF DAILY SCHOOL LIFE

José Barbosa de Sousa Júnior¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise reflexiva sobre a educação sexual como componente essencial do cotidiano escolar. Explorando a integração da educação sexual nas práticas diárias da escola, através de uma abordagem qualitativa e exploratória por meio da bibliografia especializada na área em ambiente virtual, a pesquisa examina a importância e o impacto dessa abordagem no desenvolvimento dos alunos. O estudo tem como objetivo destacar as diferentes perspectivas sobre educação sexual, destacando a necessidade de uma abordagem reflexiva e inclusiva. Ao abordar a relevância da educação sexual no contexto escolar, o estudo tem como objetivo identificar a abordagem dos educadores em relação à educação sexual, observando se há ou não incorporação desse tema. Além disso, busca compreender a perspectiva dos alunos e de seus pais em relação a esse tipo de educação, assim como, contribuir para uma melhor compreensão de como essa dimensão pode enriquecer a experiência educacional e promover um ambiente escolar mais informado, saudável e apoiado na diversidade.

Palavras-chave: Educação Sexual. Ambiente Escolar. Reflexão. Cotidiano.

Abstract: This article presents a reflective analysis of sexual education as an essential component

¹ Mestre e Doutor em Ciências da Educação. Docente nos Anos Finais no Ensino Fundamental e no Ensino Médio

of everyday school life. Exploring the integration of sexual education into the daily practices of the school through a qualitative and exploratory approach, utilizing specialized literature in the virtual environment, the research examines the importance and impact of this approach on students' development. The study aims to highlight different perspectives on sexual education, emphasizing the need for a reflective and inclusive approach. By addressing the relevance of sexual education in the school context, the study seeks to identify educators' approaches to sexual education, assessing whether or not this topic is being incorporated. Additionally, it aims to understand the perspectives of students and their parents regarding this type of education, contributing to a better understanding of how this dimension can enrich the educational experience and promote a school environment that is more informed, healthy, and supportive of diversity.

Keywords: Sexual Education. School Environment. Reflection. Everyday Life.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa concentra-se no exame da Educação Sexual, um tema que abrange aspectos de diversas naturezas, indo desde os âmbitos pessoal, religioso e familiar até o profissional. Não se limita apenas às considerações anatômicas e fisiológicas; é crucial compreendê-la também em seu contexto cultural da sexualidade, exigindo a compreensão da realidade que nos cerca. O conhecimento nos revela que as abordagens em relação à sexualidade variam conforme o momento histórico em que estamos inseridos. Além do mais, essa forma de educação abrange as relações de gênero, promovendo não a proibição, mas a educação; não a indisciplina, mas o controle; não o impulso livre, mas a responsabilidade. Ela preconiza o respeito a si mesmo, ao próximo e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes em uma sociedade democrática e pluralista. Contribui, assim, para dismantelar tabus e preconceitos que ainda persistem de forma marcante no contexto sociocultural da sociedade em que vivemos. (Dinis e Asinelli-Luz, 2007).

A sexualidade é uma parte intrínseca da experiência humana, moldando identidades, relações e a compreensão do mundo desde as fases iniciais do desenvolvimento. No contexto educacional, a abordagem da educação sexual emerge como um componente imprescindível para a formação integral dos indivíduos, em destaque para a fase de adolescência.

No estudo de Oliveira et al. (2009), destaca-se uma fase intrincada e dinâmica da vida humana, a adolescência. Este período é caracterizado por uma significativa transformação biopsicossocial, sendo influenciado pela ação hormonal que define a puberdade. Durante essa fase, observa-se um turbilhão de mudanças emocionais que impactam diretamente no desenvolvimento da personalidade, moldando, assim, o comportamento e a atitude do indivíduo na sociedade. É nesse contexto que os adolescentes estabelecem novas relações interpessoais, expressam sentimentos e atitudes, resultando na formação de sua identidade intrínseca. Ao buscar sua identidade e autonomia, os adolescentes muitas vezes se rebelam contra os valores estabelecidos. Os primeiros conflitos surgem com a família e a sociedade, exigindo uma abordagem acolhedora e menos aversiva a esses comportamentos instáveis, compreendendo que são parte de uma tempestade sazonal na jornada do jovem.

Diante disso, este artigo propõe uma análise reflexiva sobre a educação sexual como um elemento intrínseco e integrante do cotidiano escolar. Ao explorar essa temática, busca-se compreender não apenas a implementação prática dessa educação nas instituições de ensino, mas também os diversos aspectos que permeiam as percepções, desafios e contribuições associadas a essa abordagem.

Neste sentido, é essencial que a instituição educacional esteja cada vez mais aberta e comprometida com os fundamentos da Educação Sexual. Essa abordagem, sujeita a debates e cuidadosa reflexão, deve ser desenvolvida com serenidade, permitindo que os indivíduos melhorem suas relações consigo mesmos e com os outros. Atualmente, há a sugestão de que, para viver de maneira democrática em uma sociedade pluralista, é crucial respeitar a cultura e os diversos grupos aos quais ela pertence (Pereira e Bahia, 2011).

A integração da educação sexual no cotidiano escolar transcende a mera transmissão de informações biológicas e abrange considerações psicossociais, éticas e culturais. Este estudo empen-

de uma abordagem qualitativa e exploratória, valendo-se de uma revisão minuciosa da bibliografia especializada no âmbito virtual. Nesse contexto, o objetivo central é não apenas analisar a importância e o impacto da educação sexual no desenvolvimento dos alunos, mas também destacar as diferentes perspectivas e abordagens adotadas por educadores, alunos e seus pais.

Dado que vivemos em uma sociedade globalizada, imersa na era das novas tecnologias e nas redes sociais, reiteramos a necessidade fundamental, conforme mencionado no início deste discurso, de uma educação emancipatória, crítica e reflexiva que trate o ser humano com respeito e dignidade. A educação afetivo-sexual emancipatória se manifesta por meio do diálogo, da reflexão histórica, do autoconhecimento, da ética e da integração do instinto, do sentimento, do erotismo, do pensamento e da ação. Frequentemente, é elementar criar espaços de diálogo com adolescentes, jovens, pais, professores e todas as gerações, permitindo que todos possam lembrar, reviver e compartilhar experiências, questionar conceitos, romper preconceitos, criar novas perspectivas e contemplar as entrelinhas dos discursos. Isso visa estabelecer uma vivência da sexualidade fundamentada na humanização, afetividade e prazer (Bonfim, 2012).

A reflexão proposta visa enriquecer o diálogo em torno da educação sexual, reconhecendo-a como um elemento dinâmico que vai além da mera instrução acadêmica. Pretende-se, ainda, explorar as nuances éticas e culturais que envolvem a educação sexual, reconhecendo a diversidade de perspectivas que coexistem no cenário educacional, assim como a integração das famílias nessa questão.

Ademais, como apontam Paiva et al. (2008) as posturas em relação à sexualidade e à moralidade sexual são consideradas elementos cruciais na definição do que é considerado aceitável ou inaceitável como prática em diversas nações e comunidades. Simultaneamente, compreender as atitudes e valores desempenha um papel fundamental no planejamento de iniciativas voltadas para a prevenção e promoção da saúde. Isso influencia não apenas as diretrizes e estratégias das políticas públicas na área da educação, mas também as ações destinadas à proteção e promoção dos direitos individuais. A eficácia e eficiência das políticas públicas voltadas para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, bem como a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, dependem de um diálogo constante

com os valores dos participantes envolvidos nos programas, incluindo profissionais que tomam decisões e implementam as políticas, grupos comunitários, educandos e pacientes.

Dessa forma, este estudo almeja contribuir não apenas para a compreensão aprofundada do papel da educação sexual no contexto escolar, mas também para a promoção de um ambiente educacional mais informado, inclusivo e saudável.

À medida que a sociedade evolui e os paradigmas culturais se transformam, a educação sexual emerge como um domínio em constante adaptação, demandando reflexão e atualização contínua. Este artigo propõe lançar luz sobre as complexidades desse tema, incentivando uma abordagem integrada e holística da educação sexual no contexto cotidiano das instituições de ensino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A promoção da educação sexual deve ser uma iniciativa conjunta envolvendo escola, família e sociedade. Apesar das significativas transformações sociais e comportamentais na esfera da sexualidade nas últimas décadas, as abordagens geralmente ocorrem de maneira ocasional, não padronizada e pontual. Essas ações são frequentemente integradas a um calendário de datas comemorativas, campanhas de saúde ou situações específicas, sendo comumente direcionadas a questões escolares, como namoro, gravidez na adolescência e violência de gênero, entre outras. A educação sexual está intrinsecamente ligada à promoção dos direitos humanos, sendo um direito garantido à criança e ao adolescente em relação à saúde, educação e informação. Nesse contexto, a compreensão da sexualidade começa desde o nascimento, sendo parte integrante do desenvolvimento humano.

De acordo com Brandão e Heilborn (2006), a adolescência é caracterizada por um conjunto de transformações sócio-psicológicas e anátomo-fisiológicas. Essas mudanças levam o indivíduo a um modelo de vida desconhecido, mas que estabelece padrões e comportamentos que perdurarão ao longo de toda a vida. Durante essa fase, o indivíduo busca assumir sua própria identidade, afastando-se das regras e padrões estabelecidos pelos pais, à medida que experimenta alterações na percepção

de seu corpo, desperta para a sexualidade e incorpora novos valores de vida.

Nessa linha, Valle e Mattos (2010) afirmam que a adolescência vivenciada pelos pais na atualidade difere significativamente daquela experimentada por seus filhos. Em meio a múltiplas transformações sociais, testemunhamos uma fase juvenil repleta de desafios, marcada por mudanças sistêmicas que impactam a vida de todos, especialmente aqueles que necessitam de estabilidade para enfrentar suas próprias transformações. Embora hoje disponhamos de recursos para compreender melhor a adolescência, os jovens continuam a enfrentar desafios consideráveis. Vivem em uma era que os enaltece pela audácia e juventude, porém, paradoxalmente, muitos deles enfrentam dificuldades e falta de orientação.

A adolescência, além de ser uma fase marcada por transformações hormonais que alteram o comportamento e a personalidade, tem sido objeto de contestação devido ao entendimento de que muitas das características desse estágio evolutivo são influenciadas pelo ambiente social e pela época em que se está inserido. Como exemplo dessa percepção, destacam-se os tempos modernos, as mudanças socioeconômicas e culturais, as influências do século XX, o impacto das novas tecnologias e suas repercussões para o século XXI, assim como os costumes e a criação de produtos moldados por determinadas sociedades, que levam o adolescente a construir sua própria imagem no contexto social em que está inserido (Brasil, 2011).

Sobre sexualidade Foucault (1993) determina que a sexualidade não é algo que se manifesta de forma intrínseca e natural; ela é moldada por um "dispositivo histórico". Deve-se evitar concebê-la como um dado inato da natureza, desafiado pelo poder, ou como um domínio obscuro desvendado progressivamente pelo conhecimento. Isso nos leva a refletir que nossa sexualidade é construída a partir do contexto social em que vivemos, influenciando a formação de nossos padrões de comportamento sexual. Cada indivíduo é chamado a discernir a conduta apropriada para cuidar de sua sexualidade, guiado por princípios que podem ser religiosos, culturais, sociais ou políticos. Dessa forma, é possível educar a sexualidade de maneira particular e subjetiva, alinhada com as crenças pessoais de cada um.

No âmbito escolar Cardoso e Brito (2012) entendem que desde sua existência, o ser humano é inerentemente sociável e participativo, envolvendo-se em decisões cruciais dentro do seu ambiente. A escola representa o espaço onde o jovem estudante inicia a exploração subjetiva e decisiva de sua sexualidade, contribuindo para seu crescimento pessoal em um contexto interpessoal afetivo e sexual de forma sistemática e gradual, especialmente neste mundo moderno e competitivo. Essa abordagem proporciona a cada indivíduo o direito de expressar suas emoções e sentimentos em relação à sexualidade de maneira prazerosa, dentro de normas que equilibram o pensamento e o comportamento, alinhadas aos valores e crenças pessoais. Essa abordagem beneficia a promoção de uma sexualidade responsável, ética e, acima de tudo, sábia.

Por fim, Sousa Júnior (2023) orienta que a implementação da educação sexual promove a discussão, a reflexão e a integração desse tema no contexto do cotidiano escolar, envolvendo todos os participantes e atravessando diversas disciplinas. Além de aprimorar o ensino de Ciências e Biologia, ela oferece uma perspectiva diferenciada em relação ao nosso ser e à nossa sexualidade, livre de preconceitos e tabus. Essa abordagem compromete-se com a melhoria da qualidade de vida no ambiente escolar, familiar e social, visando a excelência.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no artigo foi a qualitativa exploratória baseada na bibliografia sobre o tema por meio de documentos virtuais como artigos, periódicos e demais plataformas como a Scielo que contém ampla documentação sobre a temática.

Gil (2002) leciona que as pesquisas exploratórias visam criar uma maior familiaridade com o problema em questão, com o intuito de torná-lo mais explícito ou de gerar hipóteses. Pode-se afirmar que o principal objetivo dessas pesquisas é aprimorar ideias ou descobrir intuições. Seu planejamento é, conseqüentemente, altamente flexível, permitindo a consideração de uma ampla gama de aspectos relacionados ao fenômeno em estudo.

Assim como, Gil (2002) informa que a pesquisa bibliográfica é conduzida com base em materiais já existentes, predominantemente compostos por livros e artigos científicos. Embora a necessidade de algum tipo de trabalho dessa natureza seja comum em praticamente todos os estudos, há pesquisas que se concentram exclusivamente em fontes bibliográficas. Uma considerável porção dos estudos exploratórios pode ser classificada como pesquisa bibliográfica. Além disso, as pesquisas que abordam ideologias, assim como aquelas que se dedicam à análise das várias posições sobre um problema, costumam ser conduzidas quase que exclusivamente com base em fontes bibliográficas.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside na capacidade de permitir que o pesquisador abranja uma ampla gama de fenômenos, muito além daquilo que poderia ser investigado diretamente. Essa vantagem se torna particularmente crucial quando o problema de pesquisa envolve dados dispersos geograficamente. Por exemplo, seria impraticável para um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita. No entanto, ao dispor de uma bibliografia apropriada, o acesso às informações necessárias torna-se menos oneroso. (Gil, 2002).

A pesquisa bibliográfica também desempenha um papel indispensável em estudos históricos, pois, em muitas situações, não há outra maneira de acessar os eventos passados senão por meio de dados bibliográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dessa análise reflexiva, novas pesquisas têm demonstrado que a discussão sobre o tema continua vigente e sem muitas alterações acerca de uma evolução que coaduna a educação sexual, diversidade e gênero. Os docentes ainda têm dificuldade de fazer a educação sexual nas salas de aula, assim como os pais pouco abordam sobre o assunto em seus lares.

Mendel e Miranda (2023) afirma em sua pesquisa que recentemente, a abordagem de temas relacionados à Educação Sexual nas escolas tem representado um significativo desafio para profes-

sores e outros profissionais da Educação. Entre as complexidades associadas a esse problema, destacam-se os tabus envolvidos na Educação Sexual, a influência de grupos conservadores e religiosos, e a falta de diálogo nas famílias. Esses fatores, aliados a uma formação deficitária dos professores, dificultam a discussão de questões relacionadas a essa temática no ambiente escolar. Em relação às opiniões e percepções dos licenciandos sobre a Educação Sexual, aproximadamente 70% deles expressaram a falta de uma formação sólida e de ferramentas adequadas para abordar o assunto em sala de aula por meio das disciplinas oferecidas durante a graduação. A pesquisa revelou que 96,4% dos licenciandos sentem a necessidade da criação ou implementação de uma disciplina específica que aborde temas relacionados à Educação Sexual. Para atender a essa demanda, sugere-se a introdução da disciplina "Tópicos em Educação Sexual", visando contribuir para uma formação inicial mais abrangente e preparatória desses futuros professores.

Guarany e Cardoso (2020) destacaram que nas últimas duas décadas no Brasil, testemunhamos um incessante movimento de reformas educacionais, caracterizado pela aprovação, revogação e edição constante de resoluções, leis, decretos, planos e programas voltados para a educação. Esse processo impacta significativamente a educação básica e a formação de professores. Notavelmente, as discussões em torno dos Planos Nacionais de Educação (PNE) nas décadas de 2001-2010 e 2014-2024, da Base Nacional Curricular Comum para a Educação Básica (BNCC) e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para Formação de Professores têm sido proeminentes. É relevante ressaltar que a inclusão, permanência ou exclusão de abordagens relacionadas à discussão de gênero e sexualidade têm sido pontos centrais de disputa. Isso não apenas no âmbito educacional, mas também em todos os outros setores sociais. O clamor por retirar os termos "gênero" e "orientação sexual" das diretrizes curriculares, dos materiais didáticos e da base curricular para o ensino básico, e, conseqüentemente, da formação de professores, enfatiza a presença preponderante de discursos generificados e heteronormativos na produção dos currículos, como evidenciado pelos estudos de gênero.

Algumas críticas pelo método como a educação é abordada por parte de alguns docentes é tecida por Ribeiro e Paulini (2022) que afirmam que embora a educação sexual seja designada como

um tema transversal, na prática, a responsabilidade de ministrar aulas sobre sexualidade recai, em grande parte, sobre os professores de ciências e biologia. Essa atribuição ocorre devido à proximidade dos conteúdos dessas disciplinas com a educação sexual, especialmente em relação aos temas de reprodução presentes nos livros didáticos. No entanto, a disciplina de biologia muitas vezes carrega consigo aspectos culturais desatualizados, o que compromete sua eficácia no ensino da educação sexual nas escolas. É evidente que, embora alguns educadores abordam o tema de maneira contemporânea, a maioria dos docentes pode adotar posturas que restringem as definições científicas, a nomenclatura biológica e a fisiologia dos órgãos. A falta de atualização cultural nesse contexto é um obstáculo para uma abordagem eficaz. Além disso, devido à falta de preparo adequado, poucos professores proporcionam espaços para discussões que esclareçam dúvidas específicas e particulares dos alunos. Mesmo quando tais oportunidades são criadas, os educadores tendem a oferecer descrições fisiológicas com respostas gerais e genéricas.

Sousa Júnior (2023) afirma que os Planos Curriculares Nacionais destinados à educação sexual devem orientar a prática pedagógica dos professores nas escolas investigadas neste estudo, visando atender a uma audiência repleta de dúvidas e incertezas em relação ao sexo e à sexualidade. No mesmo documento direcionado ao Ensino Fundamental nos Anos Finais, específico para a educação sexual ou, mais precisamente, para a orientação sexual, observa-se a necessidade de desenvolver uma educação sobre sexualidade mais embasada em princípios históricos e socioculturais, para além das abordagens puramente biológicas e higienistas. É perceptível, especialmente para os estudantes do Ensino Médio, a carência de uma especificidade para essa educação, que precisa ser vivenciada de forma mais apropriada com os adolescentes. O documento destaca a importância de superar abordagens limitadas e incluir aspectos históricos e socioculturais para enriquecer a compreensão da sexualidade, preenchendo lacunas que possam existir, e atendendo às complexidades inerentes ao tema.

Soares e Soares (2022) comentam que os jovens têm acesso a informações sobre sexualidade desde tenra idade, e muitos iniciam suas vidas sexuais sem a devida maturidade e conhecimento. A exposição precoce a estímulos sexuais pela mídia, que promove o sexo e o erotismo, aumenta a curio-

sexualidade sexual, a busca por informações e a experimentação sexual entre crianças e adolescentes. Isso requer atenção por parte dos pais e profissionais devido às vulnerabilidades associadas à precocidade da iniciação sexual, expondo os jovens a riscos como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e desafios emocionais decorrentes. Portanto, é crucial fornecer orientação aos alunos, incentivando-os a refletir e usar seus conhecimentos em prol da própria proteção. A escola desempenha um papel mediador entre o aluno e o mundo, sendo o conhecimento transmitido pelos professores essencial para o desenvolvimento e preparação das crianças para enfrentar as adversidades e desafios da sociedade. Nesse contexto, é imperativo que a escola compreenda a interconexão entre sexualidade e desenvolvimento humano, reconhecendo que as questões relacionadas a esse tema permeiam a infância e a adolescência.

Lima e Pavinati (2023) tecem a pesquisa sobre o assunto abordando uma perspectiva freireana, explorando a percepção dos adolescentes em relação às conversas sobre sexualidade no ambiente familiar, utilizando como base os princípios de Paulo Freire. Consequentemente, observou-se que as discussões se desdobram em um conflito entre a abertura ao diálogo e a resistência a ele, influenciadas por fatores afetivos, culturais, sociais e religiosos, principalmente associados às figuras materna e paterna. Foi identificado que contextos familiares marcados por relações frágeis, valores conservadores e escasso conhecimento propiciam a resistência ao diálogo, enquanto o oposto foi observado em ambientes favoráveis à abertura para conversas sobre sexualidade. Contudo, são necessários estudos mais aprofundados para compreender melhor os fatores que fortalecem ou fragilizam o diálogo familiar nesse contexto. Sugere-se, ainda, o desenvolvimento de estratégias que promovam conhecimentos críticos e estimulem a autonomia dos adolescentes, visando uma compreensão plena e saudável da sexualidade. No entanto, para transformar a situação atual, é crucial envolver a família nessas discussões, superando os obstáculos históricos à abertura ao diálogo.

Na percepção da educação sexual nas escolas e dos pais de adolescentes Danzmann et al. (2022) afirmam que de maneira geral, as diretrizes e informações relacionadas à educação sexual são direitos estabelecidos por lei para os adolescentes, impactando diretamente na qualidade de vida

dessa faixa etária. Quando tais direitos são negados ou inadequados, conforme indicam os resultados de pesquisas, os adolescentes podem adquirir conhecimento com base em suas próprias experiências. A falta de informações pode resultar em práticas sexuais desprotegidas, destacando-se a importância da abertura para o diálogo, especialmente no âmbito familiar. No caso de famílias que se sentem despreparadas para abordar a educação sexual com seus filhos, as Equipes de Saúde da Família podem oferecer suporte esclarecendo dúvidas básicas. É relevante ressaltar que os pais podem ter enfrentado desafios semelhantes ao falar sobre o assunto durante sua própria adolescência, podendo ainda hoje não dispor de informações suficientes para orientar seus filhos. Portanto, mesmo que os pais não se sintam inibidos para discutir sobre sexo e sexualidade, abordar o tema com um adolescente pode ser uma tarefa difícil e desafiadora, podendo resultar em afastamento temporário e prejudicar a relação. O diálogo familiar acerca da educação sexual deve transcender a abordagem exclusiva do sexo na adolescência, concentrando-se na proteção, prevenção e promoção da saúde.

Na questão da diversidade e de gênero Rios (2023) leciona que ao longo de suas trajetórias, as pessoas são instruídas a acreditar em uma pseudo igualdade que se fundamenta na concepção da supremacia de certas categorias sociais em detrimento do reconhecimento de outras, geralmente consideradas inferiores. Essa dinâmica frequentemente surge a partir de uma segregação fundamentada em diferenças étnicas, culturais, sociais, físicas, de gênero, orientação e identidade sexual, geracional, entre outras. Portanto, ao abordar as relações de gênero e diversidade sexual em conexão com os processos de aprendizagem, a escola abrange a diversidade de indivíduos presentes em seu ambiente. Isso ocorre porque essas temáticas se entrelaçam com marcadores como raça, etnia, geração, território, entre outros. A discussão sobre as questões relacionadas à equidade de gênero, diversidade e orientação sexual, assim como os direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIA+, gradativamente está sendo garantida em diversos cenários. Nesse contexto, torna-se essencial conceber propostas pedagógicas eficazes que ofereçam respostas educativas, considerando a escola como uma instituição social que deve ser entendida como um espaço que acolhe as diferenças. Nas últimas décadas, observa-se um progresso notável nas discussões que promovem o respeito às diversas características étnicas, raciais,

territoriais, geracionais, de gênero e sexualidade. Contudo, persistem desafios significativos a serem superados, tanto do ponto de vista objetivo, como a expansão do acesso à educação desde o ensino básico até o superior, quanto do ponto de vista subjetivo, como o respeito à liberdade para viver subjetividades de gênero e sexualidade. É fundamental reconhecer a presença da diversidade sexual e de gênero no contexto educacional.

O que se percebe dessa análise, é que houve um retrocesso nas políticas educacionais nos últimos por conta de governos conservadores e seus seguidores, fazendo com que temas que eram para ser amplamente discutidos na sociedade, como a sexualidade de forma geral, se tornassem algo que não pudesse ser abordado de forma didática nas escolas por conta de vozes que levam um assunto tão vital na sociedade para o lado erotizado. Algo que vai em desacordo com a sociedade moderna que pretende discutir de maneira ampla, sem tabus, sobre a sexualidade assim como as questões de gênero que são inundadas de preconceitos acerca da temática.

Em última análise neste tópico, levando também, em consideração, que existem consequências desastrosas do desconhecimento sobre a sexualidade como um todo, que podem levar a doenças, gravidez precoce, entre outras situações que os jovens não precisariam de passar se tais assuntos fossem amplamente debatidos sem preconceitos e respeitando as diversidades do mundo atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa reflexiva acerca da educação sexual como elemento integrante do cotidiano escolar revelou-se um caminho imprescindível para compreendermos a complexidade desse tema e sua influência na formação integral dos indivíduos. Ao longo desta investigação, foi possível perceber que a educação sexual vai muito além da mera transmissão de informações biológicas, expandindo-se para dimensões emocionais, sociais, éticas e de gênero.

Primeiramente, destaca-se que a abordagem da educação sexual deve ser contextualizada e adaptada às diferentes fases do desenvolvimento dos estudantes. Desde a infância até a adolescência,

os conteúdos e as estratégias pedagógicas devem ser pensados de maneira apropriada, considerando as especificidades de cada faixa etária. Essa adaptação é fundamental para garantir que os alunos possam assimilar os conceitos de forma gradativa e construtiva, fortalecendo sua capacidade de tomada de decisões conscientes.

Nesse sentido, a prática disciplinar, como ação pedagógica, apresenta-se cada vez mais monótona e rigidamente estabelecida, dificultando a abordagem de temas relacionados a sexo e sexualidade no cotidiano das instituições educacionais analisadas. A integração entre disciplinas em seus currículos é pouco perceptível, e a resistência à mudança de hábitos, abordagens técnicas e didáticas, bem como de recursos e metodologias de ensino, é evidente. Em face do contexto globalizado, onde os conhecimentos e saberes estão em constante evolução, torna-se imperativo promover alterações urgentes nesse cenário educacional.

Nesse viés, a família desempenha um papel fundamental na educação sexual de seus filhos, muitas vezes abstendo-se dessa responsabilidade e considerando erroneamente que essa tarefa pertence exclusivamente à escola. Nessa perspectiva, espera-se que os professores assumam o papel principal na educação para a sexualidade dos estudantes. No entanto, a colaboração entre pais e escola é essencial para criar um ambiente no qual os alunos se sintam confortáveis discutindo temas relacionados à Educação Sexual com seus familiares. Essa cooperação contribui para a sensação de segurança dos estudantes, promovendo assim o desenvolvimento socioafetivo e sua formação integral como seres humanos.

Outro aspecto relevante é a importância da inclusão da diversidade nas discussões sobre sexualidade. A escola desempenha um papel elementar na promoção do respeito à diversidade de gênero e orientação sexual, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Através da educação sexual, é possível combater estereótipos e preconceitos, promovendo o entendimento de que as diferenças são naturais e enriquecedoras.

Contudo, a implementação efetiva da educação sexual nas escolas enfrenta desafios que vão desde resistências culturais até a falta de formação adequada por parte dos educadores. É imperativo

que políticas públicas e instituições de ensino invistam na capacitação de professores, proporcionando-lhes recursos e suporte para lidar com as nuances desse tema delicado, a fim de não ser considerados apenas os aspectos biológicos, mas também a diversidade e de gênero que precisam ser mais aprofundados na contemporaneidade.

Diante do exposto, a pesquisa conclui que a educação sexual no cotidiano escolar é um elemento transformador e essencial para a formação integral dos indivíduos. Ao adotar uma abordagem inclusiva, contextualizada e holística, as escolas têm o potencial não apenas de transmitir informações, mas de promover o desenvolvimento de cidadãos conscientes, responsáveis e respeitosos, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

Bonfim, Cláudia (2012). “Desnudando a educação sexual.” Campinas, SP: Papirus.

Brandão, Elaine Reis; Heilborn, Maria Luiza (2006). “Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil.” *Revista Cadernos de Saúde Pública*, 22 (7), p . 1421-1430. Consultado a 12.01.2024, em <https://www.scielo.br/j/csp/a/3ZNVy3hX9G3NC8QpcGb5XwR/?format=pdf&lang=pt>.

Brasil. Ministério da Saúde. (2011). “Secretaria de Atenção à Saúde”. Departamento de Atenção Básica/ Ministério da Educação. Passo a Passo PSE: Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersetorialidade.

Cardoso, Alcina Maria de Sousa; Brito, Marisa M. Farinelli Lima. (2012). “A educação afetivo- sexual na infância e na adolescência: um diálogo entre educadores.” Belo Horizonte: Lê.

Danzmann, Pâmela Schultz et al. (2022). “Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática.” *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, p. 1-13. Consultado a 13.01.2024, em <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3981>.

Dinis, Nilson; Asinelli-Luz, Araci. (2007). “Educação sexual na perspectiva histórico-cultural.”

Educar em Revista, 30, p. 77-87. Consultado a 13.01.2024, em <https://www.scielo.br/j/er/a/RXsBPyNNmD3fTJx45x5wBxm/?format=pdf&lang=pt>.

Foucault, Michel. (1993). “Microfísica do poder.” 11ª ed. Rio de Janeiro: Gral.

Guarany, Ann Letícia Aragão; Cardoso, Livia de Rezende. (2020). “Formação de professores, gênero e sexualidade na produção acadêmica brasileira.” Revista Acta Scientiarum Education, 44, p. 1-13. Consultado a 14.01.2024, em <https://www.redalyc.org/journal/3033/303371539041/html/>.

Gil, Antônio Carlos. (2002). “Como elaborar projetos de pesquisa.” 4. ed. São Paulo: Atlas.

Lima, Lucas Vinícius; Pavinati, Gabriel. (2023). “Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana.” Revista Interface, 27, p. 1-18. Consultado a 14.01.2024, em <https://www.scielo.br/j/icse/a/DGY96d5xYCRFxCYvr4b5LMg/?format=pdf&lang=pt>.

Mendel, Ana Paula Cler; Miranda, Jean Carlos. (2023). “Formação de professores e educação sexual: o retrato de um curso de licenciatura em ciências naturais.” Revista Boletim de Conjuntura (BOCA), 13 (38), p. 216-248. Consultado a 13.01.2024, em <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/939>.

Oliveira, Denize Cristina de. et al (2009). “Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes.” Revista de Enfermagem, 13, (4), p. 817-823.

Consultado a 13.01.2024, em <https://www.scielo.br/j/ean/a/zZ7ZvGcRjLLjBTvVbstmwyx/?format=pdf&lang=pt>.

Paiva, Vera et al. (2008). “Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005.” Revista Saúde Pública, 42 (1), p. 54-64. Consultado a 13.01.2024, em <https://www.scielo.br/j/rsp/a/YhMbTrkZNCqTbFSTHDGR4pC/?format=pdf&lang=pt>.

Pereira, Graziela Raupp; Bahia, Alexandre Gustavo Melo Franco (2011). “Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios e construção de um ambiente de aprendizagem livre, plural e democrático.” Educar em Revista, 39, p. 51-71. Consultado a 13.01.2024, em <https://www.scielo.br/j/er/a/CQBDVRPkvjNj4rhR4rxR6hz/?format=pdf&lang=pt>.

Ribeiro, Rayane Brandão; Paulini, Fernanda. (2022). “A importância da formação de professores para a abordagem da temática de educação sexual: uma revisão.” Revista As Várias Faces de Eva: o feminino na contemporaneidade, 1, p. 29-44. Consultado a 14.01.2024, em <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220609136.pdf>.

Rios, Pedro Paulo Souza. (2023). “Diversidade sexual e de gênero na educação de jovens e adultos: por um currículo que respeite as diferenças.” Revista Espaço do Currículo, 16 (1), p. 1-12. Consultado a 14.01.2024, em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62519>.

Soares, Lizandra Martins; Soares, Nandra Martins. (2022). “Educação sexual no contexto escolar: vozes de professores do Ensino Fundamental.” Research, Society and Development, 11 (3), p. 1-12. Consultado a 14.01.2024, em https://www.researchgate.net/publication/359055517_Educacao_sexual_no_contexto_escolar_vozes_de_professores_do_Ensino_Fundamental.

Souza Júnior, José Barbosa. (2023) “Um estudo sobre educação sexual como elemento reflexivo do cotidiano escolar.” [livro eletrônico] João Pessoa, PB: Periódicos. Consultado a 14.01.2024, em <https://www.periodicojs.com.br/index.php/hp/article/view/1807/1594>.

Valle, Luiza Elena L. Ribeiro do; Mattos, Maria José Viana Marinho de. (2010). “Adolescência: as contradições da idade.” 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora.